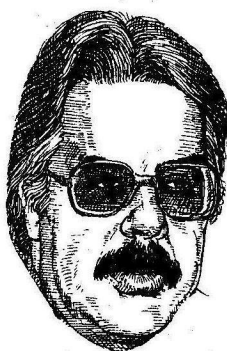


Sexta-feira o Brasil começa a sair do aperto. É o que diz Pastore.

Ele garante que 90% de nossos credores vão aderir ao novo jumbo até depois de amanhã.

Até a próxima sexta-feira, o Brasil já terá a garantia de que pelo menos 90% do novo empréstimo-jumbo de US\$ 6,5 bilhões será concedido pelos bancos credores. Essa previsão foi feita ontem pelo presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, segundo quem aqueles 90% (que representam US\$ 5,85 bilhões) são considerados pelo FMI como "a massa crítica" para submeter à apreciação do seu board, no próximo dia 18, o programa brasileiro de ajuste econômico.



Pastore assegurou ontem, em entrevista exclusiva ao Jornal da Tarde e a O Estado, que o Brasil já tem assegurada a adesão "de perto de US\$ 4 bilhões" ao novo empréstimo-jumbo, do qual o País precisa para fechar as contas externas deste ano e do próximo.

"Está firme para o dia 18" — afirmou o presidente do Banco Central, ao argumentar que, nesta data, a aprovação do programa brasileiro pelo board implicará a imediata liberação de US\$ 825 milhões de parcelas retidas do financiamento ampliado do FMI e "automaticamente" haverá o desembolso dos US\$ 1,72 bilhão que os bancos retêm do jumbo contratado em fevereiro último.

Em dezembro, conforme Pastore, serão liberadas as últimas parcelas, sendo US\$ 635 milhões por parte dos bancos comerciais, e US\$ 400 milhões pelo FMI.

No total, serão liberados US\$ 3,105 bilhões, mas apenas US\$ 505 milhões virão efetivamente para o caixa do Banco Central. O dinheiro que será liberado no dia 21 será todo ele usado para pagar os empréstimos de curto prazo (US\$ 2,6 bilhões) junto aos bancos comerciais e ao Banco de Pagamentos Internacionais (BIS), de modo que ainda vão faltar US\$

530 milhões, que serão saldados em dezembro, com a liberação das últimas parcelas.

Quanto ao atrasado comercial, que informações oficiais asseguram já ter atingido o montante de US\$ 3 bilhões, será saldado tão logo os bancos comerciais antecipem a liberação de parte dos recursos solicitados para o pacote financeiro do próximo ano.

O comitê de assessoramento e o Banco Central iniciarão a etapa de "armação dos contratos de novo jumbo" logo após a aprovação do novo acordo com o FMI, com prazo suficiente para que o ingresso da parcela antecipada de US\$ 3 bilhões ocorra até o final do ano.

O diretor da Área Externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano, mantém, hoje e amanhã, juntamente com o vice-presidente e o diretor de Operações Externas do Banco do Brasil, Eduardo de Castro Neiva e Antônio Machado de Macedo, respectivamente, contatos com banqueiros membros do comitê de assessoramento da fase 2 da renegociação da dívida externa brasileira e dos subcomitês de crédito comercial e interbancário, além de trabalhar em definitivo a adesão dos bancos internacionais ao jumbo.

Descontração

Diante da expectativa de que a adesão ao novo jumbo supere o ponto crítico de US\$ 5,85 bilhões, até sexta-feira, Pastore procurou mostrar certa descontração na conversa com o repórter, ao contrário do mau humor de contatos anteriores. Ressaltou que a montagem do "pacote" de renegociação da dívida caminha bem e negou a elaboração de qualquer novo adendo à terceira carta de intenções do Brasil ao FMI, em razão da inflação acelerada.

O vice-presidente do Nederlandsche Middenstandsbank, o terceiro maior banco comercial da Holanda e septuagésimo no ranking bancário mundial, Gerrit J. Tammes, revelou que a participação de cada

banco no novo jumbo será equivalente a 11% de seus créditos junto ao Brasil. Na véspera, o presidente do Lloyds Bank Internacional — um dos bancos líderes do comitê de assessoramento, Alexander Lindsay, informou que a participação individual também sofre variação decorrente do grau de adesão ao jumbo anterior de US\$ 4,4 bilhões.

Após encontro com o presidente do Banco Central, o dirigente do banco holandês disse que a adesão ao novo jumbo constitui a melhor solução para dar "uma ponte" ao Brasil, até que a recuperação da economia mundial favoreça as contas externas brasileiras, através da redução dos juros internacionais e do aumento dos preços das commodities. Mas, para o próximo ano, Tammes previu a estabilidade dos juros externos, sobretudo em decorrência do ano eleitoral nos Estados Unidos.

Otimismo

O presidente do Banco de Pagamentos Internacionais (BIS), Fritz Leutwiler, por sua vez, afirmou ontem em Basileia, na Suíça, ter esperanças de que o Brasil estará em condições, até o fim deste mês, de saldar a dívida de 1,5 bilhão que tem com o BIS e também de pagar os 250 milhões de dólares que vencem no próximo dia 30. O dirigente de um importante banco central, que pediu para não ser identificado, interpretou as declarações de Leutwiler como um sinal de que o FMI está disposto a aprovar o novo acordo com o Brasil.

Em Londres, fontes bem informadas disseram ontem que quatro bancos britânicos — Lloyds, Barclay, Midland e National Westminster — já se decidiram pela participação no empréstimo-jumbo que está sendo solicitado pelo Brasil. A participação desses bancos, somada, representa cerca de 500 milhões de dólares. Segundo se informou, a decisão foi tomada devido aos "problemas que surgiriam a nível mundial", no caso de o Brasil interromper os pagamentos de sua dívida.